

AFETANDO E SENDO AFETADO

Saudações e bênçãos para todos os aqui presentes, meus queridos amigos. Somos todos amigos. Existe uma ligação, uma profunda ligação interior já manifesta, e em alguns casos ainda potencial, no plano da realidade interior. No caso de ser ainda apenas uma potencialidade, certamente é possível que ela venha a se concretizar. A esse respeito, nosso objetivo comum é realmente descobrir o âmago do seu eu real e, assim, descobrir a sua existência real. Essa existência real é luz e beleza. Nessa existência real não há nada a temer. A orientação que tenho dado todos esses anos os guia e ajuda passo a passo a atravessar o labirinto das suas ilusões – o labirinto dos seus medos ilusórios da vida, do eu, do ser. Todas as atitudes que vocês tomam para impedir o reconhecimento da experiência desse eu ilusório os afasta ainda mais do seu núcleo, da verdadeira existência feliz, quando vocês sabem que não há nada a temer. Mas vocês precisam investigar o medo até o fim para descobrir que ele é uma ilusão e para decidir se querem continuar vivendo nessa ilusão ou livrar-se dela. A segunda opção requer algum esforço e disposição em mudar e arriscar algumas maneiras desconhecidas de viver e ser, de reagir e agir.

Pois bem, o que, em essência, é esse medo, meus amigos? Ele existe sob muitas formas e variantes. No entanto, existe um denominador comum, ou seja, vocês temem os aspectos destrutivos e demoníacos das partes temporárias, distorcidas do eu interior. É com isso que a sua consciência, por estar separada, não consegue se reconciliar. É isso que ela não pode aceitar, não sabe como aceitar. A consciência teme ser esmagada pelas energias destrutivas, simplesmente porque jamais as aceitou. A consciência é muito orgulhosa e muito impaciente, muito voltada para uma visão e raciocínio limitadores, não podendo assim abrir espaço para todos os opostos que existem na alma humana. É exatamente por causa da tendência limitadora da consciência, os opostos não podem ser transcendidos. É somente mediante a plena aceitação que a distorção pode se transformar e voltar a seu estado original – a força bela e criativa que os energiza e lhes dá muito mais poder e contentamento. Como eu tenho dito de formas diferentes ao longo desses anos, vocês não poderão atingir a realidade venturosa enquanto não se livrarem do pensamento desejoso que não os deixa encarar os aspectos irracionais e destrutivos de si mesmos.

Isso me leva ao tópico da palestra desta noite. Gostaria de discutir particularmente a maneira como vocês afetam o seu ambiente a partir desse nível destrutivo do ser. Como vocês afetam os outros? E, inversamente, como são afetados pelos outros a partir das partes destrutivas deles? É um tema muito complicado e extremamente importante, e que não é fácil de entender. Eu diria que, para vocês efetivamente entenderem esse tema e tirarem algum proveito dele, é preciso que já tenham adquirido uma certa dose de insights e aceitado uma parcela da parte irracional, ignorante e destrutiva do eu infantil e primitivo que vive em seu interior. Quando vocês chegam ao ponto em que já não precisam negar, projetar e defender-se dessa parte má, quando vocês conseguem claramente reco-

nhecê-la, nesse momento vocês podem realmente lidar com as complicações decorrentes da interação humana nesses níveis ocultos da destrutividade e ignorância de vocês e das outras pessoas.

Em primeiro lugar, eu gostaria de falar de uma confusão, uma dor, muito básicas, que afetam toda a humanidade. Quer as pessoas estejam ou não especificamente cientes desse conflito, ele sempre existe. Quanto mais cientes dele vocês estiverem, e por consequência quanto melhor puderem encará-lo e lidar com ele, mais depressa conseguirão solucioná-lo. Esse conflito é o seguinte: no plano primitivo, irracional, vocês detestam e querem destruir implacavelmente, e já quase não sabem mais por que detestam e querem destruir. Nesse nível, vocês são totalmente egoístas e, portanto, não querem aceitar nenhuma frustração, grande ou pequena. Vocês não querem lidar com nenhuma dificuldade, e portanto não podem afirmar sua personalidade de maneira significativa e eficaz. Sejam quais forem as razões, esse ódio irracional e essa vontade de destruir existem em todo e qualquer ser humano.

Vocês conseguem não ter consciência desse ódio e destrutividade, e essa é a raiz de toda doença e sofrimento emocionais. À medida que vocês avançam na disciplina do autoexame, ficam mais cientes, aceitam esse aspecto, e assim o transcendem. Com esse aumento de consciência, vocês também precisam lidar especificamente com a confusão da sua culpa. A culpa oculta é muito devastadora. Ela cria um círculo vicioso que mantém a destrutividade. Quanto mais culpados se sentem, mais vocês escondem o que os faz sentir culpados e menos ficam capazes de eliminar e dissolver essa causa. Essa incapacidade, por sua vez, aumenta a culpa. Ao mesmo tempo, quanto mais vocês se escondem de si mesmos, mais se frustram e se privam do bem que a vida deve ser. Por isso, ficam mais zangados, mais odientos e mais destrutivos. Mesmo que isso não se manifeste em atos evidentes, a chamada culpa inconsciente leva vocês a manifestar atos e atitudes de ódio que rejeitam os outros, e a vida e a bondade de ser.

Pois bem, como lidar com essa culpa? Há basicamente duas escolas de pensamento que existiram ao longo das eras na esfera terrestre. Uma diz que vocês não são responsáveis por seus sentimentos e atitudes não manifestos. São responsáveis apenas por seus atos e feitos. Assim, se odiarem, quiserem matar e destruir, se forem vingativos e malévolos, não precisam sentir culpa por causa disso.

A outra escola de pensamento diz que os pensamentos e atitudes são realidades vivas e têm efeito sobre os outros. Isso significa que existe uma culpa verdadeira por tais pensamentos e atitudes. Além disso, precisamos considerar a questão de saber se a tendência oculta a ser destrutivo pode não influenciar em nada os feitos e atos. Acabei de dizer que é impensável a culpa oculta não se manifestar de alguma forma, mesmo que a personalidade se abstenha de atos concretos. Também é um ato deixar de amar e deixar de dar. Com muita frequência, o ódio negado se manifesta numa passividade aparentemente inofensiva que parece dirigida “apenas” para o eu. Mas o ódio que ferve sob a superfície impede atos positivos de amar e dar, impede que a pessoa contribua para a vida. Assim, em última análise todos os atos e feitos fluem da substância e energia subjacentes da pessoa.

Essas duas escolas de pensamento aparentemente opostas, ou modos de encarar a vida, o mundo, o ser e os outros existem em todos e gera muita confusão. Qual é a verdadeira? Como lidar com essa questão? Para que seja possível avançar na questão da interação mútua em níveis destrutivos entre seres humanos, é preciso esclarecer essa pergunta. Como seria possível as duas alternativas serem verdadeiras, válidas, e não mutuamente excludentes?

É absolutamente verdadeiro que a culpa pelo eu primitivo destrutivo é mais destrutiva que a parte má em si. É verdade que vocês precisam aceitar para poder eliminar. Também é verdade que existe uma enorme diferença uma ação manifesta de destruição e a existência mental e emocional desse aspecto na humanidade. Isso é verdadeiro apesar do que eu disse anteriormente sobre os efeitos e influências definidos das atitudes ocultas. No entanto, assumir uma culpa que destrói e abala o eu torna a situação ainda mais prejudicial; piora muito a questão. Com essa culpa, vocês se aniquilam e se tornam mais destrutivos. Vocês se impedem de viver.

No entanto, é de fato verdade que os seus pensamentos e sentimentos, seus desejos e atitudes têm força. Pois bem, a conciliação desses dois opostos aparentes reside em um único fato, ou seja, as suas tentativas honestas de tornar a sua destrutividade consciente sem justificá-la em função da destrutividade ou da limitação dos outros. Quando vocês negam o seu ódio e maldade, seu egoísmo e despeito, vocês geram um problema – para si mesmos e para os outros. A negação do demônio em vocês tem efeitos muito danosos. Por exemplo, ao negarem, vocês precisam culpar e acusar, tornando outros responsáveis por aquilo que lhes provoca culpa demais para poderem encarar diretamente. Vocês, que trabalham com tanto zelo neste caminho, já comprovaram muitas e muitas vezes como caem na tentação de montar uma argumentação, de usar o mal real ou imaginário dos outros para negar o mal que há em vocês. Vocês distorcem e exageram para falsificar. Vocês lidam com meias verdades, pois o que usam como seus argumentos pode, às vezes, abrigar elementos de maldade real dos outros. No entanto, não é correto responsabilizar os outros pela sua infelicidade. Essa é uma das mais profundas manifestações da negação da responsabilidade por si mesmo e cultivo de uma atitude de dependência. Vocês dizem: “sou dependente do mal ou ausência de mal que há nos outros.”

Não é difícil ver que isso os coloca numa enrascada. Se, no nível semiconsciente, vocês expressam essa mensagem para a vida, num nível mais profundo do inconsciente vocês pagam o preço e sofrem as consequências. Nesse caso, também precisam dizer à vida: “meu mal é responsável pelo sofrimento dos outros.” Assim, vocês oscilam entre a dependência infantil em que se encontram, na ilusão de que são impotentes diante dos erros dos outros e, ao mesmo tempo, onipotentes devido à responsabilidade que essa atitude lhes impõe. Os outros são vítimas do fato de vocês não serem completos.

Inversamente, no momento em que assumem plena responsabilidade pelo seu sofrimento, examinando as suas próprias atitudes malévolas, suas próprias distorções e tendências destrutivas, independentemente do quanto os outros possam estar errados, vocês se livram da culpa. Passam a saber, por experiência própria, que somente podem ser afetados pelos outros na medida em que refutam e ignoram suas próprias negatividades, assim como os outros só podem ser afetados pelas suas negatividades na medida em que negam as deles.

A capacidade de reconhecer o eu irracional sem se transformar totalmente nele é que lhes dá liberdade. A necessidade de concentrar-se nos danos dos outros é um ato destrutivo em si mesmo. Ele torna impossível combater de fato o mal que há em vocês. Não quero dizer, no entanto, que devam assumir isoladamente a responsabilidade e, falsamente, inocentar os outros. Sempre que existe uma interação negativa, ambos devem arcar com a responsabilidade. Mas concentrar-se e medir, comparar e se transformar em vítimas do ponto de vista emocional equivale a uma negação por parte de vocês, mesmo que da boca para fora afirmem que também contribuem com a interação. O que invariavelmente acontece quando procuram descobrir qual é a sua contribuição é que acabam vendo

que um afeta o outro a partir dos níveis destrutivos. De fato, a responsabilidade é compartilhada. Essa percepção é extremamente liberadora. Ela os livra da culpa que os corrói, sem eliminar a responsabilidade que lhes cabe. Ela permite ver e expressar a parcela do outro no efeito recíproco, sem assumir o papel do juiz que acusa e também se considera vítima. É um efeito muito salutar, e normalmente o que vocês dizem surte efeito, se a outra pessoa estiver disposta a ouvir. Caso não esteja, isso deixará de ser uma frustração debilitante para vocês. Vocês não precisarão mais provar sua inocência. Vocês veem e conhecem a verdade. A nitidez desse conhecimento os fortalece e dissipa a energia negativa. Quando vocês escondem o seu mal por trás do mal dos outros, fatalmente se enfraquecem, e sua luta não surte efeito. A luta eficaz, a agressão saudável somente são possíveis quando vocês deixam de esconder-se de si mesmos, quando se baseiam no conhecimento honesto, quando deixam de querer encobrir a sua destrutividade, quando deixam de ser hipócritas nesse nível, o mais sutil de todos.

Assim, meus amigos, como podem ver, as duas escolas de pensamento têm razão. Essas orientações aparentemente opostas são reconciliadas pela chave que recomendo constantemente: encarem o seu mal, a sua irracionalidade, os seus aspectos primitivos destrutivos sem perder de vista que se trata apenas de um aspecto menos importante de vocês. Se vocês se identificarem completamente com essa parte oculta, será impossível viver e assumir a responsabilidade por ela. No entanto, quanto mais a esconderem, tanto mais acreditarão, em segredo, que esse é o seu eu real, a sua única verdade. Quando vocês desvelam essa parte, passam a ver uma maravilhosa realidade, ou seja, vocês são muito mais do que até então acreditavam secretamente. Se usarem essa chave, vocês não poderão manifestar o mal, direta ou indiretamente. Não poderão difundir o mal. Somente é possível tratar os pensamentos, sentimentos e desejos maus de maneira diferente e efetiva a partir do momento em que eles são reconhecidos. Ao negá-los, um veneno emana de vocês e atinge os outros, além de espalhar-se na sua psique e corpo.

Isso mostra, mais uma vez, com muita clareza, algo que podem examinar todos os dias da sua vida, bastando olhar de verdade para as suas interações nos relacionamentos: a chave da vida é o reconhecimento honesto da sua parte primitiva e destrutiva. Essa chave, no fim, abrirá os portões que lhes darão a capacidade de usufruir a ventura proporcionada pelo mundo real, que tenta comunicar-se constantemente com vocês e que vocês afastam, por medo ou cegueira, enquanto essas áreas do ser não são admitidas, enquanto, temerosos, negam a sua negatividade e resistem a ela.

Vamos agora discutir como vocês afetam os outros com os níveis de ser positivos, realizados e purificados, bem como com os níveis negativos. Os níveis limpos, livres, liberados e purificados, as áreas em que vocês são construtivos e criativos, em que são verdadeiros e amorosos, em que querem dar de si e são ao mesmo tempo fortes e autoassertivos, não permitindo que a destrutividade dos outros prevaleça sobre vocês, têm um efeito muito forte sobre o mundo à sua volta. Esse efeito existe em todos os planos. No plano manifesto e flagrante das ações, feitos, palavras, vocês têm uma força específica, uma influência direta para o bem, e dão um exemplo, mesmo que a sua força seja às vezes mal entendida. Quando as pessoas que não podem responsabilizar vocês pelo sofrimento delas, tentarem jogar sua maldade sobre vocês, não conseguirão, porque vocês já terão aprendido a encarar o seu próprio eu destrutivo. Isso talvez provoque alguns ressentimentos, mas a longo prazo o efeito será muito purificador. Nos planos inconscientes, as energias que emanam de vocês terão um efeito ainda mais forte. A sua energia pura consegue penetrar na neblina e nas trevas e anular o veneno. É assim que a pessoa livre consegue passar ao largo das camadas do mal e atingir o que está

por trás delas, ativando o que há de melhor no outro. Isso pode dar ao outro um vislumbre do que ele pode ser, de modo que também não precise mais ocultar-se de si mesmo.

Seja qual for o grau da sua libertação, o efeito será imenso. Vocês afetam igualmente os níveis liberados da existência interior, da realidade psíquica dos outros, de modo que é gerada cada vez mais uma energia maravilhosa. Essa energia se multiplica muitas vezes e se expande, unindo-se a outras correntes constituídas de energia semelhante. Adquire mais ímpeto. Atravessa a escuridão e as trevas criadas pelas negatividades. Consegue verdadeiramente penetrar nas paredes venenosas da separação criadas pelo erro, ignorância, mentiras, ilusão, maldade, ódio. Na medida em que esse nível liberto for forte, ele tem poder, na mesma medida, de dissipar o mal – no eu e nos outros. E agora sabem do que essa força depende: da chave do reconhecimento da destruição irracional que há em vocês. A força depende do grau em que fazem isso constantemente.

Quando vocês estão num estado intermediário, que oscila às vezes porque usam essa chave em algumas áreas e não em outras, ocorre uma batalha oscilante entre vocês e os outros nos planos inconscientes. Quando o estado liberado ainda é fraco, ele pode sucumbir à ferocidade da acusação e culpa da outra pessoa – talvez puramente não verbalizada e inconsciente – porque essa outra pessoa ainda é “forte” na negação da responsabilidade por si mesma e aumenta artificialmente sua acusação cheia de hipocrisia. Em outros casos e relacionamentos, a força realmente liberada de vocês pode provocar o efeito mais forte e superar o eu negativo já enfraquecido dos outros, cujas projeções e acusações não podem ser combatidas se vocês mesmos ainda estiverem no estado de negação e acusação, mas podem ser facilmente combatidas quando vocês estão libertados, ainda que em pequeno grau, devido ao uso da grande chave da vida a que nos referimos.

Portanto, os graus e variações são infinitos, tanto quanto os estados humanos de consciência. Quando os níveis inconscientes de duas pessoas se afetam reciprocamente, é preciso levar em conta todos os estados variáveis e oscilantes das duas e, a qualquer momento, o que acaba sendo o “resultado” geral predominante é determinado pelo grau em que a chave da vida é usada ou não por uma das pessoas ou por ambas. A guerra e a destruição recíproca são o resultado final quando as duas entidades (nações ou pessoas) não usam a chave. Quanto mais usarem essa chave e pararem de se esconder por trás dos males dos outros, tanto mais irão fortalecer todo o seu ser e permitir que o eu real se manifeste, combinar-se com os aspectos libertados dos outros, afetar os outros, incentivar neles esses aspectos, e transcender as negatividades dos outros, ajudando-os a vivenciar o eu real que está por trás dessas negatividades. Assim, nasce um novo senso do eu – o conhecimento de que o eu negativo não é a única realidade. Esse intercâmbio ocorrerá não necessariamente por meio do que disserem, mas pela maneira como afetarem o outro ser. O que disserem também terá um impacto diferente. Como vão dizer, como vão agir, que impressão vão causar nos outros, tudo isso será totalmente determinado pela sua força para enfrentar suas negatividades. Dessa forma, vocês vão espalhar o bem.

É completamente evidente que a destrutividade não reconhecida, não admitida, projetada e negada afeta imediatamente a parte equivalente das outras pessoas. A acusação recíproca, a atribuição hipócrita de culpas, a compulsão em montar uma argumentação – todas essas táticas evasivas aumentam e reforçam a interação negativa, a luta e o conflito, a dor e a confusão.

Vamos agora inverter o processo. Como vocês são afetados pelos outros? São poucos os seres humanos que vivem com um certo grau de harmonia e força, que já avançaram o suficiente para não

difundirem inicialmente a destrutividade. A maioria dos seres humanos, em sua atual fase de desenvolvimento, ainda se encontra no estado de defesa temerosa contra a vida, mesmo quando não há razão para isso e quando está em contato com pessoas que estão prontas para dar-lhe amor e ajuda. Assim, elas espalham o mal em virtude de terem se fechado para a verdade e o amor, o dar e receber. Mas vários seres humanos desenvolvidos já ultrapassaram esse estado e, como eu disse, já se libertaram o suficiente para dar o melhor de si, sem defesas. No entanto, isso ainda não lhes dá imunidade à destrutividade dos outros. Eles poderão ser facilmente afetados pelos pensamentos e sentimentos negativos inconscientes, pela energia poluída dos outros, tornando-se assim vitimizados e dependentes. É como se dissessem para a vida: “exijo perfeição à minha volta para que eu possa conservar o que obtive, para que possa permanecer em meu estado esclarecido e venturoso.” Se for esse o caso, será preciso avançar muito mais, pois a verdadeira imunidade surge somente quando essa dependência deixa de existir, quando a negatividade do outro já não afeta aquela pessoa. Se afetar, existe necessariamente dúvida sobre o eu e culpa, pois nem todas as confusões e impulsos destrutivos, nem todos os aspectos irracionais e ilusórios foram encarados. Por mais que vocês tenham feito isso, continua a haver áreas que não estão claras, caso contrário vocês não seriam tão vulneráveis nem tão afetados pelo mal, talvez muito maior, dos outros. Isso significa que vocês precisam voltar à vida terrena e viver nessa esfera de dualidade, lutando com os opostos – prazer e dor, vida e morte, bem e mal. Vocês não podem transcender esses opostos enquanto não usarem a chave da vida.

Quando a negatividade dos outros os afeta, é preciso investigar o que os torna tão vulneráveis. Eu me arrisco a dizer que essa dependência e vulnerabilidade no plano psíquico correspondem a uma refutação psicológica da responsabilidade por si mesmo e da insistência em culpar a vida e os outros pela sua infelicidade. Em alguma área, vocês não estão encarando a si mesmos com honestidade. Pois se o fizerem, por completo e sem reservas, a energia negativa e a emanção dos outros não terão qualquer efeito sobre vocês. Não precisarão construir falsas defesas, onde tudo reverbera e nada chega até vocês. Esta, afinal, é uma das razões da construção dessas defesas: deixar de fora a dor provocada pela crueldade, hostilidade, mesquinharia dos outros, pelas exigências injustificadas que eles fazem ao mundo, e por consequência também a vocês. Talvez vocês tenham muita consciência desse medo, mas apenas começam, aos poucos, a investigar e descobrir que essas defesas deixam de fora tudo que a vida tem a dar com tanta abundância. Assim, essas defesas os prejudicam. Elas impedem que o que há de bom na vida chegue até vocês e o que há de melhor em vocês se manifeste, enchendo-os com o que há de melhor – seus próprios bons sentimentos. Isso é impossibilitado por essas defesas inconscientes e debilitadoras.

Quando essas defesas são abandonadas, vocês podem se fundir com a vida, com as substâncias psíquicas dos outros, o que permite as trocas do amor, as trocas da verdade. Essa verdade universal se manifesta em cada pessoa de uma maneira peculiar. Tal variedade dá um tempero especial à vida, sem perturbar a profunda paz interior. O fluxo de intercâmbio os enriquece tanto, que não há palavras para descrever. É o modo de vida exatamente oposto àquele que decorre do enclausuramento nas paredes defensivas, que os separam totalmente e geram grande solidão. Essas defesas criam uma existência muito infeliz, uma existência muito dependente, limitada e sofredora!

Por outro lado, vocês não podem viver totalmente expostos e vulneráveis, no estado em que se encontram agora, antes de terem explorado esses níveis do seu ser em que culpam os outros pelo mal deles, por não quererem encarar o seu próprio mal. Nesse estado, vocês são necessariamente vulneráveis ao extremo – o que poderia ser racionalizado por meio de uma alegação de que são “muito sensíveis”, o que demonstra orgulho. Mas essa sensibilidade não é sinal de uma individuali-

dade única no sentido divino. É uma distorção em si mesma, e não é necessária. Nesse estado, tudo fere e penetra em vocês. Se não recorrerem vigorosamente à chave que lhes entrego, muitas e muitas vezes, precisarão, com toda certeza, das defesas destrutivas que os apartam da vida.

Cabe a vocês encontrar um modo de ser em que tenham defesas adequadas, não doentias; realistas, e não irrealistas. Essa defesa realista e adequada para não serem negativamente afetados pelo mal dos outros é descobrir a totalidade do seu próprio mal – é a determinação diária e renovada de assim proceder. Os sinais estão sempre presentes; as indicações úteis que a vida oferece são os gabaritos que vocês podem usar. Eles consistem nas suas reações ansiosas, zangadas, confusas – que a princípio vocês talvez não saibam o que sejam. Se vocês se abstiverem da atitude habitual, ou seja, deixar de lado o que os perturba e partir para racionalizações, poderão descobrir que ficam perturbados pelo que os outros lhes fazem. Pode parecer ou ser uma injustiça. Mas não se limitem a convencer a si mesmos de que isso justifica e explica a sua perturbação. Quando vocês resistem a essa tentação e vão além, estão dando ouvidos à lição e aos sinais da vida.

Um dia vivido em estado de ventura, quando vocês estão vivos e em contato profundo com o seu ser mais íntimo e portanto com todo o universo, emanando alegria e efetuando trocas realmente profundas e significativas com os outros, sem precisar erguer barreiras contra a vida interior e exterior, um dia assim, lhes permitirá saber que, naquele dia, vocês não se defenderam contra nada. Mas também é possível que naquele dia vocês tenham tido a sorte de entrar na circunferência psíquica de uma consciência e energia espiritual forte, clara, livre. Não se depararam com nenhuma destrutividade inconsciente dos outros. Esse influxo negativo não é dirigido especificamente contra vocês, mas simplesmente porque vocês são outro ser humano e representam “o inimigo”.

Se a razão da felicidade for a segunda alternativa, vocês estão de fato seguros e livres? Não estão ainda num estado de dependência, e assim inevitavelmente ansiosos, sintam ou não a ansiedade e a desconfiança em todos os momentos? A resposta é muito clara. Vocês precisam crescer para se tornarem totalmente vocês mesmos, e portanto deixarem de ter necessidade de defesas destrutivas para isolá-los e transferir aos outros a responsabilidade pelo seu estado atual.

A maioria dos dias oferece oportunidades nesse sentido. Tragam mais para o seu campo de visão as muitas reações de desconforto que vocês registram. Elas são uma pista. Sejam quais forem as suas reações aos outros, aquelas que não deixam vocês muito contentes consigo mesmos e com os outros, devem ser examinadas. As reações e os incidentes que acontecem com vocês são lembretes do maior de todos os terapeutas – a própria vida. Existe algo que vocês precisam ver e descobrir que ainda não entenderam de fato: por que são tão vulneráveis? Se vocês prestarem atenção no sinal pelo que ele é, ouvirem a dor ou o desconforto sofridos agora e decidirem com todo o vigor e determinação do eu corajoso “quero ver que parte de mim é responsável pelo fato de eu ser afetado pelo mal do outro”, nesse caso inevitavelmente vocês vão descobrir o que procuram e ficar mais livres e seguros do que nunca.

Infelizmente, muitas e muitas vezes a tentação de concentrar-se e focar-se nas deficiências, no mal, nos erros do outro fazem vocês sair do caminho que deveriam percorrer. O que vocês virem nos outros pode ou não estar correto. Vocês só terão paz verdadeira e clareza sobre essa questão quando derem ouvidos ao sinal e entenderem perfeitamente por que são vulneráveis e estão expostos às negatividades e às destrutividades reais ou imaginadas dos outros.

Quero enfatizar outra vez a necessidade de fazer uso dessa chave. Gostaria de dizer agora a vocês, meus amigos, que aqueles que seguirem este trabalho do caminho, que é tão difícil mas tão verdadeiro, chegarão a esse estado de segurança, de ventura e de paz, estado que não tem defesas, que é aberto, que flui. O caminho é difícil porque não dá margem a projeção e fugas, por mais que se tente. Alguns ficam pelas beiras do caminho porque, nesta encarnação, ainda não estão prontos para encararem a si mesmos totalmente e preferem a opção de culpar os outros. Mas aqueles de vocês que me seguirem até o fim encontrarão inevitavelmente a verdade do ser. Não se pode negar que exatamente porque este caminho não permite fugas, que ele é um feitor rigoroso. Ele dispensa todo sentimentalismo que encoraja a fraqueza e a autoevasão. Mas, dessa forma, ele cumpre o que promete, pois um número maior de vocês começa de fato a descobrir e a experimentar. A descoberta dos seus verdadeiros valores somente é possível para quem reúne a coragem de identificar os aspectos maus e distorcidos. Vocês precisam encontrar e encontrarão sua verdadeira capacidade de amarem e serem amados – não como um conceito, um pensamento ou um ideal, não como uma ilusão, mas como uma realidade efetivamente vivenciada na vida do dia-a-dia. Estas não são promessas vazias, não são ideais distantes. São promessas que a vida faz e mantém para aqueles que usam a chave da vida neste plano da existência. Quanto mais vocês a usarem, menos necessidade terão de se defenderem contra a dor e portanto contra a ventura da vida, a dádiva da vida, que flui para vocês sempre.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.